

FONTE

Jornal: Gazeta Mercantil/1ª Página/Fim de Semana - Pág. 1

Data: São Paulo, 29 de Julho de 2005

Autor: Márcio Rodrigo

O diretor Daniel Filho não é mais da TV

Um dos responsáveis pela criação do "padrão Globo de qualidade", Daniel Filho confirmou a este jornal aquilo que o mercado há tempos especulava: "Sim, saí da TV, após quase 50 anos de trabalho". Porém, o profissional está longe de se aposentar. Além de dirigir a Globo Filmes, produtora responsável pelas maiores bilheterias da Retomada do cinema nacional, ele acaba de voltar ao teatro, após 40 anos de ausência, dirigindo Antonio Fagundes.

Um artista empreendedor

O homem simpático e sorridente sentado num camarim tranquilo e cheio de flores do Teatro Cultura Artística, em São Paulo, nem de longe parece fazer jus à fama de "todo-poderoso" perfeccionista de outrora. Também tampouco aparenta os quase 70 anos que possui, dos quais mais de 53 foram dedicados à arte de interpretar, dirigir ou produzir para cinema ou televisão.

Daniel Filho é um cavalheiro simpático e bom de papo, mas não esconde ou falseia modéstia quando o assunto é o audiovisual brasileiro. Sabe exatamente a importância que tem para a história da televisão brasileira e a evolução do gênero no Brasil. Há tempos certamente poderia ter se aposentado, deixando para trás os desafetos colecionados ao longo da extensa carreira - aqueles mesmos que, no auge de seu poder, chamavam-o ironicamente de "Deus" pelos corredores da Rede Globo.

Mas preferiu guinar mais uma vez. Com todas as letras confirma aquilo que há muito se especula: "Sim, saí da TV Globo". Em compensação, tornou-se, mais uma vez, o "todo-poderoso" diretor artístico, dessa vez da Globo Filmes, cargo que há anos vinha ocupando extra-oficialmente. Uma promoção para baixo? Talvez pensem assim os adversários. Mas, ao contrário, trata-se apenas do ápice de um processo iniciado em 1999, quando Daniel se associou à produção cinematográfica de "Orfeu", de Cacá Diegues e colocou no mercado a Globo Filmes, sob as bênçãos da família Marinho.

Claro que, com toda sua influência, Daniel não perde a oportunidade de reclamar da atual situação para a realização de filmes brasileiros. "O cinema mendiga", repete sempre, frisando que a produção é uma questão estratégica e que, portanto, o "governo e os empresários deveriam cuidar melhor do assunto".

Se ainda há um longo caminho para que a Sétima Arte no País atinja o estágio de ser considerada um mercado - como hoje é a televisão que Daniel ajudou a consolidar ao longo de quase meio século dedicado ao veículo - sobre a situação da Globo Filmes não há muito do que Daniel possa reclamar. Basta observar o desempenho da produtora nos últimos dois anos. A empresa idealizada pelo diretor-produtor é uma criadora de blockbusters

nacionais.

Em 2003, "Carandiru", de Hector Babenco, tornou-se a maior bilheteria do movimento de retomada do cinema nacional com mais de 5,7 milhões de bilhetes vendidos. No ano passado, "Cazuza - O Tempo Não Pára", de Sandra Werneck e Walter Carvalho e "Olga", de Jaime Monjardim foram, respectivamente, os dois filmes brasileiros mais vistos, somando juntos um público de 7 milhões de pessoas.

Atrás de todos esses sucessos está a figura experimentada de Daniel. Mestre em farejar o que o público brasileiro deseja, o diretor insiste em dizer que "é difícil determinar o que fará ou não sucesso, seja no televisão ou no cinema".

Não é possível saber se o diretor-produtor está escodendo o jogo, para manter a fórmula que lhe trouxe fama, dinheiro e poder ao longo de décadas, ou se realmente está falando a verdade ao alegar ignorância sob os mistérios que cercam os desejos dos espectadores. Mas é inegável que o feeling apurado de Daniel sempre lhe indicou o caminho para emprestar sua assinatura a programas e filmes "campeões absolutos de audiência".

É este faro que mais uma vez falou mais alto ao escolher "As Mulheres da Minha Vida", do americano Neil Simon, para levar aos palcos. Após 43 anos de ausência do teatro, Daniel resolveu retomar a carreira na área em parceria com ninguém menos do que o ator Antonio Fagundes (ver crítica na pág. 2).

A estréia, na semana passada no Cultura Artística, deu a dimensão do que será a temporada: casa cheia. De público, artistas e imprensa. Nomes famosos como Bibi Ferreira, Karem Rodrigues, Betty Faria, Sílvio de Abreu fizeram questão de prestigiar o espetáculo. O sucesso, aparentemente, não afeta Daniel. Ele segue impassível. "Não sou uma celebridade", diz sorrindo. Mas aproveita a ocasião para alfinetar a crítica jornalística: "Tanto no cinema, no teatro ou na TV está tudo muito disperso. Os artistas estão muito à vontade. Não há quem os questione sobre a qualidade de seus trabalhos". Ele é daquele tipo que considera a imprensa fundamental para que o círculo entre a arte e o público se feche satisfatoriamente.

Aliás, o homem que ao lado de José Bonifácio Sobrinho, o Boni, criou o famoso "padrão Globo de qualidade" para as produções ficcionais da emissora, hoje afirma, sem milongas, que o "padrão Globo Filmes de fazer cinema já existe".

Daniel parece não guardar mágoas das críticas, muitas bem ácidas, que recebeu ao longo de sua carreira. "A TV que ajudei a criar sempre foi duramente questionada. Hoje as pessoas dizem por aí que aquela TV era boa", afirma.

Com tanto tempo de estrada, para a alegria de seus fãs e amargura de seus opositores, Daniel não pensa em se aposentar. O diretor acaba de fechar contrato com a Trama para lançar em DVD, a partir de setembro, todo o seriado "Confissões de Adolescente", sucesso dos anos 90, dirigido por ele para a TV Cultura.

Após o sucesso como diretor de "A Dona da História", que levou aos cinemas mais de 1 milhão de espectadores em 2004, ele também finaliza numa parceria da Globo Filmes com a Lereby, sua produtora, o longa "Se Eu Fosse Você", com estréia prevista para janeiro. E tem mais. "Comprei os direitos de um texto de Yasmina Reza", revela. Ou seja, a excursão no mundo teatral vai continuar.

"Eu não sou um empresário. Sou um artista", afirma categoricamente. "Aprendi a ser empresário porque historicamente a cultura sempre precisou de mecenas para existir", frisa. "Mas a arte é atávica a mim. É impossível determinar quando me iniciei nela. Eu diria que desde que nasci", diz com segurança. De família circense, seu pai queria que ele fosse militar e sua mãe que se tornasse pianista. Para sorte da TV e do cinema ele não foi um filho obediente.